

O estilo de um psicanalista^a

The style of a psychoanalyst

Claudio César Montoto*

364

O psicanalista trabalha, antes de tudo, com o seu inconsciente.

Juan David Nasio (p. 7)¹

O significante “estilo”, proveniente do latim *estilum*, denomina o objeto pontiagudo que se usava para escrever sobre as tábuas de argila. Por extensão, podemos pensar no estilo como *um modo pessoal, singular de realizar ou executar algo* (Dic. Houaiss). Falar de estilo significa que, independentemente da formação teórica do analista, da própria análise realizada ou em andamento, das suas identificações, do seu imaginário, haveria algo pessoal, único na maneira de encarar um tratamento psicanalítico. Nunca é demais se lembrar da importância do tripé na formação profissional na área de saúde mental: 1) a própria análise para entrar em contato com o inconsciente, que será o principal instrumental, tal como aponta Freud e nos lembra Nasio na epígrafe citada, para o encontro analítico; 2) a supervisão para poder se escutar melhor, retornando o nosso próprio discurso a partir de um outro colega; e 3) o constante estudo teórico para aprofundar nos conhecimentos. Lacan, no Seminário 2, nos adverte que “saber sempre é, em algum aspecto, acreditar saber”, mas a minha intenção consiste em apresentar a minha maneira de trabalhar com a psicanálise, o meu

estilo na clínica. Considero que se trata de um grande desafio de colocar em palavras aquilo que muitas vezes consiste, simplesmente, em uma aposta, isto é, nunca há garantia nenhuma nas escolhas que se fazem em um tratamento ou nas intervenções. Assim como a significação e o sentido sempre serão decorrentes do discurso e, portanto, chegarão mediante o processo *a posteriori*, retroativamente, isto é, *après-coup*, nunca se poderão saber as consequências das nossas escolhas se não for após ter transcorrido um considerável tempo. Nada é previsível nem controlável. Considero que a profissão do analista talvez seja uma das mais solitárias. No encontro único entre analista e analisante, não há absolutamente nenhum paradigma, nenhum modelo que permita exercer algum tipo de controle. Se existir controle, isso não é análise. Uma determinada frase, pontuação, assinalamento ou interpretação que surtiu um determinado efeito em um analisante, se for aplicado para outro, com características semelhantes a respeito do assunto e do tema abordados, talvez desaboque em um fracasso total. Aliás, é bom lembrar que a proposta fundamental, do lado do analista, consiste em que mantenha a sua “atenção flutuante”, não se detendo em nada em especial do discurso do analisante e sim se deixando impactar, surpreender pelo conteúdo que escuta. Renunciar ao contro-

a. O presente texto originariamente foi uma comunicação oral no Primeiro Simpósio Internacional de Psicologia do Centro Universitário São Camilo a respeito da teoria do método. Portanto, não se abordam questões sobre a teoria do sujeito nem das estruturas clínicas.

* Psicanalista lacaniano. Doutor (doutorado direto) em Comunicação e Semiótica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Professor do curso de Especialização em Semiótica Psicanalítica – Clínica da Cultura – da PUC-SP. Autor de vários livros e artigos científicos publicados no Brasil, Argentina, Portugal e USA. E-mail: cmontoto@ig.com.br

le, renunciar à racionalização, renunciar à intelectualização é um imperativo, até porque todas essas são defesas, as mesmas que se propõe que o analisante evite. Se do lado do analista está a “atenção flutuante”, do lado do analisante está a regra fundamental de dizer absolutamente tudo o que passar pela mente tentando não exercer nenhum tipo de censura, de juízo moral, de controle, do qual falarei daqui a pouco. No começo do texto “Recomendações aos médicos que exercem a Psicanálise” (p. 125)², já no primeiro parágrafo, Freud deixa claro que o que menciona da técnica é a única “apropriada à minha individualidade”, acrescentando que outro profissional pode se ver levado a adotar uma atitude diferente. O caminho fica aberto para aparecer o estilo. Se deixar impactar pelo conteúdo do discurso do analisante, como acabei de mencionar, consistiria em não privilegiar absolutamente nada do discurso. Freud é muito claro e enfático sobre esta questão:

Pois assim que alguém deliberadamente concentra bastante a atenção, começa a selecionar o material que lhe é apresentado; um ponto fixar-se-á em sua mente com clareza particular e algum outro será, correspondentemente, negligenciado, e, ao fazer essa seleção, estará seguindo suas expectativas e inclinações. Isso, contudo, é exatamente o que não deve ser feito. Ao efetuar a seleção, se seguir as expectativas, estará arriscado a nunca descobrir nada além do que já sabe; e, se seguir as inclinações, certamente falsificará o que possa perceber. Não se deve esquecer que o que se escuta, na maioria, são coisas cujo significado só é identificado posteriormente (p. 126)².

A partir dessa asseveração, já podemos deduzir uma questão: o conteúdo de uma sessão pode ser tomado como um bloco, como um discurso total que, com certeza, vai ter diversas partes, mas é o todo que nos daria a chave para encontrar o conteúdo latente nele. Não privilegiar seria, então, tomar absolutamente todo o discurso, tudo o que é dito na sessão. Para isso, então, seria necessário dar o tempo suficiente como para que o discurso comece a se desenvolver e as associações possam ir articulando o discurso. Uma parte de um discurso, até o analisante

mudar o conteúdo manifesto da temática, por exemplo, até a primeira pausa que faz ele, pode ser entendido como um enigma para tirar desse trecho uma frase que sintetize o que foi enunciado. É muito provável que a mudança de temática, isto é, outros referenciais, outros personagens que aparecem no discurso, outras situações que se desenvolvem na segunda parte do discurso do analisante tenham um ponto em comum com a primeira parte do discurso... E assim, por diante. Seguindo com uma sessão hipotética, se levarmos em conta o conteúdo manifesto das três ou mais partes, até que se faça um silêncio para poder intervir, veremos que há uma “congruência” do discurso e que esse tem um fio condutor, uma espécie de *leit-motiv*, que permite inferir o que chamamos um campo metafórico e dentro desse: a metáfora. Essa geralmente é enunciada pelo analista por meio de um sintagma: “pareceria que você está dizendo que a figura masculina não é tão perigosa como você pensava”. Para mim, chegou o momento de provocar mais associações: “o que faz pensar isso?”, ou “Você se lembra de algo pensando nisso?”. Desse modo, vai se desenrolando a sessão e vai aparecendo o material até comprovar ou não se essa metáfora se sustenta. A partir dessa comprovação, uma interpretação pode ser realizada apontando esse conteúdo fundamental. Quais serão as consequências das nossas intervenções? A pergunta é retórica e, portanto, está plena do sentimento de solidão e de incógnitas. Agora, vejamos mais aprofundadamente os passos que se dão em um processo de análise.

1. PRIMEIRO CONTATO

O analista é certamente capaz de fazer muito, mas não pode determinar de antemão exatamente quais resultados que produzirá.

Freud³

O analisante que faz o primeiro contato, geralmente por via telefônica, já tem uma questão de identificação, ou talvez algo da ordem da transferência. Se for indicado por uma professora de psicologia, por um familiar que falou bem do profissional, de um ex-analisante, se viu um arti-

go na internet, ou a placa na frente do consultório etc. Estou querendo dizer que ele já chega ao consultório com algo transferencial. Não é para passar por alto as circunstâncias que o levaram a tomar conhecimento da nossa pessoa. Se o contato telefônico for realizado por um integrante da família para marcar para um outro, isto é uma informação que deve ser guardada na memória. A maneira de se apresentar pelo telefone já diz muita coisa do possível analisante. “Boa tarde, eu quero marcar uma consulta porque sou bipolar” é algo que já denota muito do imaginário de pertencimento, do desejo de ser simbolizado, etc. A maneira pela qual o analisante ou “um procurador” demanda uma primeira entrevista já é algo importante. Falo de um procurador porque há um elemento a levar em conta quando o próprio interessado pega o telefone e liga marcando uma consulta que é diferente de quando a mãe, a esposa, ou alguma outra pessoa ocupa esse lugar. Trata-se de elementos para guardar na memória, mas que podem ter um significado relevante no transcorrer do processo. Acontece, às vezes, que quando uma mãe – de um adulto – ou uma esposa liga marcando uma consulta e recebe como indicação: “peça para o seu marido (filho etc.) me ligar”, essa ligação nunca acontece. Para alguns, pode ser uma informação intrascendente, mas mostra algo da relação que entre eles é muito forte. Estou querendo dizer que aceitar ou não aceitar marcar para um terceiro não é sem consequências. Já há, desde o primeiro contato, desde o primeiro instante, uma aposta que realiza o analista.

A partir desse primeiro contato, vai se marcar a primeira entrevista preliminar.

2. AS ENTREVISTAS PRELIMINARES

Fala-se de entrevistas preliminares, o que já aponta a questão de que haverá mais de uma antes de iniciar o processo ou tratamento psicanalítico propriamente dito. Vejamos um pouco desde o primeiro contato. Uma situação semelhante à mencionada recentemente sobre o contato telefônico por meio de outra pessoa se daria quando o possível analisante aparecer acompanhado por outro indivíduo. Escolher pedir para essa pessoa aguardar fora; perguntar ao interessado se gostaria de estar acompanhado pela pessoa; ou ficar

calado e aceitar que ingressem as duas já faz parte da escolha do analista. Se na conversa telefônica apareceu o conteúdo que ele ou ela padece de síndrome do pânico, talvez seria um elemento para ter em conta no sentido de deixar o acompanhante ingressar. Se a demanda que aparece é de algo que possa ser compreendido como não tendo um suporte emocional, uma ortopedia psíquica, então já a primeira intervenção de barrar o acompanhante vai ter uma consequência que se verá *a posteriori*. Com isso, quero apontar que é fundamental o estudo da técnica, é fundamental o estudo aprofundado da teoria, mas que o analista está completamente só e sem nenhuma garantia de absolutamente nada quando exerce as suas funções. Afirma-se que nas primeiras entrevistas a finalidade fundamental é se autorizar a perguntar ao analisante a respeito da sua vida. Pede-se que fale da família, de cada um dos integrantes, dos colegas de estudo e/ou trabalho, da infância, da adolescência, etc. Enfim, para alguns colegas, nos primeiros encontros, o analista não ocuparia propriamente o lugar de analista e sim de um profissional que deseja saber como e que relata da própria vida e, especialmente, do sofrimento que o levou a pedir uma análise. Escutar onde está a demanda é um ponto relevante. Por isso, para alguns, o processo começa com terapia, para depois se converter em análise. A respeito da atitude do analisante nos primeiros contatos, Freud é bem enfático e defende que: “sua confiança ou desconfiança inicial é quase desprezível, comparada às resistências internas que mantêm a neurose firmemente no lugar” (p. 141)³. Continuemos com a opinião de alguns colegas. Para muitos, além de escutar a queixa do futuro analisante que provocou a procura de análise, é fundamental pensar no diagnóstico estrutural: discriminar se é neurótico, psicótico ou perverso. Interessante destacar que, para muitos, essa questão é um ponto pacífico. Freud, no seu texto “Sobre o início do tratamento. Novas recomendações sobre a técnica da psicanálise” (p. 149)³, nos lembra que

o material com que se inicia o tratamento é, em geral, indiferente – a história da vida do paciente, ou a história da sua doença, ou suas lembranças de infância. Mas, em todos os casos, deve-se deixar que o paciente fale

e ele deve ser livre para escolher em que ponto começará. Dessa maneira, dizemos-lhe: ‘Antes que eu possa lhe dizer algo, tenho de saber muita coisa sobre você; por obséquio, conte-me o que sabe a respeito de si próprio’.

Mas, em outro texto, anterior ao que acabamos de mencionar, isto é, em “Recomendações os médicos que exercem a psicanálise” (p. 128)², Freud manifesta que não é bom trabalhar pensando em determinar “a estrutura, tentar predizer seu progresso futuro e obter, de tempos em tempos, um quadro do estado atual das coisas, como o interesse científico exigiria”. Parece que essas palavras vão de encontro à importância de determinar muito antecipadamente a qual estrutura clínica das três fundamentais estaria articulado o analisante. Por um lado, alguns colegas defendem que é fundamental descobrir se estaríamos em presença de um psicótico (alguns para lhe negar a análise, e outros para saber como lidar com ele). No entanto, outros colegas também apontam que o psicótico dificilmente pediria análise e, se pedir, é porque não está ‘surtado’, então pode se trabalhar com ele. Mas, deixando de lado as características que deveria ter um tratamento com psicóticos, o que considero que é relevante seria pensar sobre a necessidade (apontada por Freud como uma obrigação) de se deixar surpreender pelo percurso da análise, pelo fluir do discurso manifesto do outro. Franklin Goldgrub (p. 22)⁴ tem uma reflexão sobre esse assunto:

Tais raciocínios (não se ater fundamentalmente a prognosticar) não pretendem ampliar ou substituir os diagnósticos de Freud e Lacan. Visam assinalar que a causa, em psicanálise, somente pode ser concebida genericamente – e conseqüentemente seu valor clínico é nulo.

Quando já está por finalizar a primeira entrevista, chegou o momento de fazer o contrato. Mas, antes dele, é importante deixar claro para o analisante os rudimentos, o básico do que é um percurso psicanalítico. Considero fundamental explicar que se está na etapa das entrevistas preliminares, isto é, que o analista pode ir perguntando sobre a vida do “candidato a analisante”. Nesse momento, tudo indica que não é con-

veniente interpretar o material que apareceu na entrevista. Mas, alguns teóricos discrepam, como o caso de David Zimmerman (p. 286)⁵, que defende que pode ser realizado o que o autor nomeia como “interpretações compreensivas”. O que seria isso? Uma maneira de dar ao paciente uma devolutiva do discurso que apareceu apontando alguma questão que vai em direção à angústia que aparece nas palavras que foram proferidas na entrevista, como se fosse uma maneira de tentar estabelecer um nível de confiança e mostrar uma determinada compreensão do que foi comunicado. Para Zimmerman, dessa maneira, “o paciente sentir-se-á muito aliviado e disposto a fazer novas aproximações” (p. 286)⁵.

Uma questão que considero fundamental deixar claro é que na psicanálise não há juízo de valor, não há conselhos para dar. Não há posicionamento de isso é certo, aquilo é errado, e menos ainda de: talvez você deveria fazer... Isso é algo que está muito distante do que chamamos psicanálise. Um tempo atrás, dando uma supervisão para uma colega, essa relata uma sessão com uma mulher de mais de 50 anos, que se queixava de que toda a família estava contra ela porque continuava a fumar. A minha supervisionanda diz que fez uma intervenção: “*você sabe que é muito ruim fumar, você deveria parar*”. Isso é um tipo de intervenção que nunca, absolutamente nunca, um analista deveria fazer. Por muitas razões. Vejamos nesse caso específico: 1) ela se colocou identificada ao discurso familiar; 2) ela se mostra identificada a um discurso da cultura, que, dos anos 60 do século passado que era um sinal de libertação ver uma mulher fumar, hoje passou a ser vista quase como uma terrorista. Trata-se de uma questão de mercado e da cultura que não merece nenhum tipo de comentário moralista por parte do analista; 3) a analisante estava relatando um conflito, articulado com algo que pode ser pesquisado da ordem do gozo... Em síntese, colocou-se em um lugar mais parecido com uma conversa informal, de amigos... Jacques Lacan, no Seminário 2, *O Eu na teoria de Freud e na Técnica Psicanalítica* (1954-1955), na lição 4 faz uma reflexão sobre a diferença entre análise e sugestão:

Trata-se de saber se, na análise, a função da palavra exerce sua ação pela substituição do eu do sujeito pela autoridade do analista, ou se é subjetiva. A ordem instaurada por Freud

prova que a realidade axial do sujeito não está no seu eu. Intervir substituindo o eu do sujeito, como se continua a fazer em determinadas práticas da psicanálise, é sugestão e não análise (p. 72, tradução nossa)⁶.

3. O CONTRATO

O contrato verbal simplesmente é determinar a quantidade de sessões por semana, o dia e horário da(s) sessão(ões), os honorários a serem pagos, as férias, as interrupções, e as faltas. É importante deixar claro que o dia reservado para o analisante o estará mesmo ele faltando. A questão de ter que pagar mesmo faltando é importante pelas resistências que vão aparecer no percurso analítico. Sobre a questão do tempo e do dinheiro, Freud tem reflexões feitas que constam no artigo “Sobre o início do tratamento” (p. 142-3)³ e ele é taxativo sobre pagar a sessão que faltar: “A minha resposta, porém, é: nenhuma outra maneira é praticável” (p. 142)³. É importante explicar se aparecer esse pedido, as diferenças entre uma terapia, análise e um tratamento psiquiátrico. Mas o fundamental é que o analisante saiba que tudo o que ele manifestar na sessão vai ser fundamental, que não há uma escala de gradação a respeito da importância ou não do material que enunciar. A respeito dos honorários, eu considero que se alguém desejar fazer algum trabalho de voluntariado no consultório, isto é, cobrando honorários mais baixos do que pensava, mas com a finalidade de ajudar àqueles que não teriam condições de pagar, que o faça sem que o analisante saiba dessa situação. Esse é um tema delicado, porque devemos lembrar que Freud defende que:

o tratamento gratuito aumenta enormemente algumas das resistências do neurótico – em moças, por exemplo, a tentação inerente à sua relação transferencial [ele(a) me ama tanto que não me cobra] e em moços, sua oposição à obrigação de se sentirem gratos, oposição oriunda de seu complexo paterno e que apresenta um dos mais perturbadores obstáculos à aceitação do auxílio médico.

Muito embora aqui o autor trate de um tratamento gratuito, pode ser entendido também para os honorários baixos. Freud defende que “consti-

tui fato conhecido que o valor do tratamento não se realça aos olhos do paciente, se forem pedidos honorários muito baixos” (p. 147)³.

4. O CONTEÚDO DA SESSÃO

A intervenção de um psicanalista durante uma sessão não é um meio que vem do exterior para agir sobre o processo analítico, mas deve ser considerada como a manifestação daquilo que ocorre nessa relação (p. 8)¹.

A partir dessas palavras de Nasio, podemos defender que, se não é algo que “vem do exterior”, a intervenção do analista deveria ser sobre o material que leva o analisando nessa sessão. Por isso, apesar de que o analista possa sentir, pela sua memória (isto é o mecanismo consciente=pré-consciente) que está se falando de algo que foi mencionado em alguma outra sessão, é fundamental pensar que nada do que tenha acontecido ou que se tenha falado em outras sessões deve ser mencionado pelo analista, porque trabalha com o material que aparece na sessão, independentemente se há ou não uma repetição de algum conteúdo. A reverberação de outro material deve servir para o analista se perguntar a respeito dos seus pensamentos, mas não faz parte do material dessa sessão. Já temos uma questão para apontar.

O material dessa sessão é o único sobre o que se deve trabalhar. Uma sessão completa, isto é, o discurso do analisante pode ser considerado como uma metáfora que subjaz ao discurso manifesto do que foi apontado. Tal como Freud nos ensina na *Interpretação dos Sonhos*, há um conteúdo manifesto e um conteúdo latente. As palavras, os sintagmas, enfim, o discurso do paciente pode ser tomado como um bloco, como um conteúdo que carrega em si algo latente que se pode exprimir como uma metáfora. Por isso, Goldgrub defende que “(...) a interpretação tem como único objeto o discurso” (p. 12)⁴. Sendo assim, a função do analista seria de desmetaforizar (a metáfora contida no discurso latente do discurso do analisante). Se a interpretação tem como único objeto o discurso, aparece uma questão que podemos chamar de lógica: é necessário esperar, em atenção flutuante – em silêncio ativo – o suficiente como para que apareça o discurso do paciente. Vejamos mais em detalhe, temos a regra fundamental da psicanáli-

se que assinala: fale tudo o que passar pela sua mente. Não exerça nenhum tipo de censura, não pense que algo não deveria ser falado, que não é de bom tom... Portanto, tente não se censurar e fale tudo o que passar pela sua cabeça. Essa regra de ouro, tal como afirma Goldgrub (p. 16)⁴ “existe para ser transgredida. Em relação aos pacientes, os silêncios, atrasos, faltas, atuações e falas truncadas são perfeitamente compreensíveis – a resistência foi uma das primeiras evidências com que Freud se deparou”. Mas, também – acrescenta o autor – do lado do analista também há elementos que permitem afirmar que a regra fundamental também é quebrada, como, por exemplo, quando um profissional tende a hierarquizar e dar prioridade para determinados temas. Lembremos que em ambos lados haveria uma questão fundamental: a) do lado do analisante, que fale tudo o que pensar; e b) do lado do analista, que escute com a atenção flutuante.

O analisante, se autorizando a falar, vai passar por vários assuntos, vai fazer silêncios, vai pular de um tema para outro. No entanto, se realmente a atenção flutuante funcionar, do lado do analista, ele vai poder entender como se desenvolve o discurso do paciente. Por exemplo, a primeira associação fez ele falar do assunto “a”. Depois, sobreveio um silêncio, uma pausa e pulou para o assunto “b”. Assim, sucessivamente entre vários assuntos. Todos eles têm uma estrutura em comum, um elemento latente que está por trás das palavras e sintagmas usados no conteúdo manifesto. Esse conteúdo em comum pode ser formalizado como uma metáfora, por exemplo, “é necessário se proteger dos homens”. Essa é a metáfora que se deve interpretar apontando: parece que você está dizendo que todos os homens são uma ameaça, que é necessário se proteger do perigo que representa se vincular com um homem. Perante essa desmetaforização, ou a explicitação do conteúdo da metáfora, se permite que no discurso do analisante se abra uma nova cadeia de significantes que permitam aprofundar mais essa questão, aparecendo uma nova metáfora, e talvez aparecendo um conteúdo mais recalcado.

Franklin Goldgrub (p. 34)⁴ nos lembra que:

A atenção flutuante não elege qualquer tema em particular – por definição. Ou não seria atenção flutuante nem teria sentido pedir

ao paciente que associe livremente. A regra é fundamental porque propicia material para a interpretação. Transforma, por assim dizer, a palavra em texto para ser lido. Seu objetivo é abrir espaço para o *discurso*, no qual os sentimentos transferenciais e o significante (principalmente via ato falho e repetições vocabulares) podem ter seu lugar, como aliás qualquer outro tema ou manifestação.

Portanto, o autor defende que privilegiar um determinado tema ou significante supõe afirmar como consequência que o ato clínico não prescinde da teoria porque é essa precisamente que aponta os temas que são mais importantes que outros. Por isso, e como se fosse uma espécie de resumo, podemos afirmar que seja o que for o que falar o analisante deitado no divã, tudo isso é importante. Não haveria uma escala de valores para pensar se é relevante ou não. Isso se conseguiria a partir de tomar os dizeres do analisante como um discurso manifesto que esconde um discurso latente (o que pode ser chamado de sentido, o discurso inconsciente) que pode ser inferido a partir de localizar a metáfora que sintetiza o material que enuncia o analisante. Isso quer dizer que relatar o argumento de um filme que se assistiu no final de semana passado, ou associar com uma poesia que interessa ou com a letra de uma música de mpb são elementos tão importantes quanto outros que possam aparecer. O desafio consiste em descobrir nesse discurso o que tem a ver com o sentido e, portanto, o inconsciente. É importante salientar que o trabalho analítico visa ao sujeito do inconsciente e não ao sujeito tal como o conhecemos na filosofia. Mas, falar de sujeito do inconsciente significa levar em conta que este pode abrigar um material totalmente oposto, paradoxal, frente ao discurso do sujeito da filosofia. Lacan nos lembra, no *Seminário 2* (p. 18)⁶, que o inconsciente escapa completamente ao círculo de certezas, mediante as quais o homem se reconhece como sendo o Eu. Acrescenta, quando fala da segunda tópica de Freud, que para esse é fundamental lembrar que entre o sujeito do inconsciente e a organização do Eu, não somente há uma dessimetria absoluta, como também há uma diferença radical (o Eu é a soma de todas as identificações do sujeito).

Freud nos lembra, no texto “Recomendações aos médicos que exercem a Psicanálise”

que “O médico deve ser opaco aos seus pacientes e, como um espelho, não mostrar-lhes nada, exceto o que lhe é mostrado” (p. 131)².

Como uma espécie de síntese apertada, podemos definir que as bases metodológicas para trabalhar na clínica estão estabelecidas na *Interpretação dos Sonhos*. Os dois discursos, ou dois conteúdos, isto é, manifesto e latente, são a pedra basal para clinicar. Jacques Lacan, no Seminário 17, *O avesso da Psicanálise* (1969-1970), reitera esse posicionamento quando manifesta: “Como é que se poderia captar toda essa atividade psíquica de outra

maneira que não como um sonho...” (p. 66)^{7,b}. Sabemos que nessa época Lacan trabalhava a teoria dos quatro discursos (depois teríamos o quinto discurso, do capitalista). Não obstante isso, a referência à metodologia freudiana, de tomar o discurso levando em conta as regras da interpretação dos sonhos, continua vigente em 1970 para o autor francês.

Essa foi uma síntese dos pontos fundamentais para pensar uma maneira de trabalhar na clínica. Que cada um se autorize a pegar o seu *estilum* e trabalhe para criar seu próprio estilo.

REFERÊNCIAS

1. Nasio JD. Como trabalha um psicanalista? Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor; 1999.
2. Freud S [1912]. Recomendações aos médicos que exercem a psicanálise. Volume XII. ESB. Rio de Janeiro: Editora Imago; 1996.
3. Freud S. [1913] Sobre o início do tratamento. (Novas recomendações sobre a técnica da psicanálise 1). Volume XII. ESB. Rio de Janeiro: Editora Imago; 1996.
4. Goldgrub F. A Metáfora Opaca. Sonho, mito, cinema, interpretação. 2a ed. São Paulo: Samizdat; 2008.
5. Zimerman D. Fundamentos Psicanalíticos. Teoria, técnica e clínica. Porto Alegre: Artmed; 1999.
6. Lacan J. El Seminario. Libro 2. El Yo en la Teoría de Freud y en la Técnica Psicoanalítica. Barcelona: Editorial Paidós; 1986.
7. Lacan J. O Seminário. Livro 17. O Averso da Psicanálise. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor; 1992.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

Gilliéron E. A primeira entrevista em Psicoterapia. São Paulo: Unimarco Editora / Edições Loyola; 1996.

Recebido em: 12 de janeiro de 2012
Aprovado em: 21 de fevereiro de 2012

b. Na versão brasileira do Seminário 17, essa citação consta na lição V. O Campo Lacaniano. Não obstante, na versão em língua castelhana, essa lição aparece como VII (11 de fevereiro de 1970) e a citação diz assim: “como puede hacerse para aprehender toda esta actividad psíquica, como puede hacerse para aprehender toda esta actividad psíquica de otra forma que como un sueño, cuando se escucha miles de veces, en el curso de los días, esta cadena espuria de destino y de inercia, de casualidad y de estupor, de falso sucesos y de encuentros desconocidos que hacen el texto corriente de una vida humana. No esperen pues nada más subversivo en mi discurso que el no pretender la solución”.